

Pensando os saberes populares e acadêmicos na relação com o Grupo “Sabores Da Vida”

Marina da Rocha¹

Adriana Mello Severo²

Robinson Henrique Scholz³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir o processo de formação realizado no projeto União pela Valorização da Alimentação Solidária (UVAS), o qual se desenvolveu por meio do Programa Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários (TECNOSOCIAIS), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, com financiamento do CNPq. Tal projeto teve início em março de 2018 e foi finalizado em agosto de 2019, tendo como local o bairro Vila Brás na cidade de São Leopoldo/RS. O projeto tinha como proposta a constituição de um grupo para a geração de trabalho e renda orientado pelas práticas da economia solidária. Ao longo do projeto foram realizadas oficinas com as mais diversas temáticas: formação de grupos, formação em economia solidária, gestão do empreendimento e alimentação. Tendo como fonte de informações os registros nos diários de campo, os resultados apontam para a constituição de um grupo que conseguiu realizar um trabalho solidário e cooperativo, a partir de uma formação com base na educação popular e na relação dos saberes populares e acadêmicos.

Palavras-chave: economia solidária; educação popular; saberes populares; saberes acadêmicos.

Abstract: This article is intended to reflect the formation process carried out in the União pela Valorização da Alimentação Solidária (UVAS) project, which was developed through the Programa Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários (TECNOSOCIAIS), of the Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, with financing from CNPq. This project started in March 2018 and was finalized in August 2019, with the Vila Brás neighborhood in the city of São Leopoldo/RS as its location. The project had as proposal the constitution of a group for the generation of work and income guided by the practices of solidarity economy. Throughout the project, workshops were held with the most diverse themes: formation of groups, formation in solidarity economy, enterprise management and food. Having as a source of information the records in the field diaries, the results point to the constitution of a group that was able to carry out solidarity and cooperative work, based on popular education and the relationship of popular and academic knowledge.

Keywords: solidarity economy; popular education; popular knowledge; academic knowledge.

Introdução

O projeto União pela Valorização da Alimentação Solidária (UVAS) iniciado em março de 2018 pela equipe do Programa Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários -

¹ Licenciada em Letras/Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Mestra em Educação pela mesma instituição. Atualmente é doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Unisinos e é professora na rede estadual do Rio Grande do Sul.

² Psicóloga, possui graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) com ênfase em Práticas Sociais e Institucionais e especialização em Psicoterapia Individual Sistêmico-Integrativa (DOMUS).

³ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Rio dos Sinos. Mestre em Ciências Sociais e Bacharel em Administração: Hab. Recursos Humanos ambos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Trabalhou como professor de educação superior na Universidade La Salle, Canoas, RS, no curso de Administração e professor convidado no PPG Memória Social e Bens Culturais. Pesquisador no Grupo de Pesquisa Tecnologias Sociais, Inovação e Desenvolvimento - TESSIDO.

TECNOSOCIAIS/UNISINOS, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, teve como objetivo a construção de uma horta e de uma cozinha coletivos no bairro Vila Brás no município de São Leopoldo, RS. O desenvolvimento desses espaços e grupos tinha como principais metas a geração de trabalho e renda para trabalhadores/as dessa região que por diversos motivos não estavam inseridos no mercado de trabalho formal. Sendo assim, uma das principais (des)construções realizadas com essa população foi a formação de um grupo para a cooperação, ou seja, que pensasse o trabalho por meio de outra perspectiva em contraposição a um sistema hostil, individualista e competitivo de mercado de trabalho (FRANTZ; SCHNEIDER, 2017). Nosso desafio inicial foi construir outra forma de olhar para as relações de trabalho, com um grupo de pessoas que não estavam acostumadas e/ou não conheciam a forma de trabalho associado e cooperativo (ADAMS, 2014).

A escolha pela comunidade da Vila Brás se deu a partir de um convênio realizado com o Programa Tecnosociais/Unisinos juntamente com a Paróquia Santo Inácio de Loyola, localizada nesta comunidade. A parceria permitiu que executássemos o projeto de uma cozinha no salão da igreja Cristo Operário na comunidade e de uma horta em um terreno cedido pela paróquia, a qual se localizava muito perto de onde a cozinha foi estruturada. Fomos desbravando o território e divulgando a proposta do projeto UVAS no início de 2018. Após divulgação na comunidade, iniciamos o cadastro de pessoas interessadas no projeto UVAS. De início os(as) interessados(as) começaram a surgir aos poucos, chegavam desconfiados(as) e com muitas dúvidas do que se tratava o projeto UVAS, aos poucos observamos um maior interesse, principalmente, quando explicávamos a proposta. Percebíamos, que os(as) interessados(as) entendiam que o projeto era de cursos profissionalizantes, o que aos poucos fomos desconstruindo e apresentando o trabalho cooperativo, tendo as práticas da economia solidária como proposta de organização dos sujeitos participantes do projeto como um coletivo autogestionário em formação (BORGES; SCHOLZ; CARGNIN, 2015).

Nos deparamos, neste primeiro momento, com muitas pessoas em busca de uma inserção ou recolocação no mercado de trabalho e/ou qualificação profissional. Sendo assim, podíamos perceber que a economia solidária (ECOSOL) era uma proposta nova e desconhecida para o público daquela região. Sabíamos do grande desafio de poder desconstruir a lógica de trabalho que era a mais conhecida por eles/as - o emprego - e oferecer uma proposta de trabalho empreendedora e autogestionária, tendo a economia solidária como uma prática de valorização dos sujeitos, a preservação da natureza, a democracia nos processos de tomada de decisão (CRUZ, 2012), bem como a cooperação como mola propulsora do trabalho.

Com um número satisfatório de pessoas cadastradas no projeto UVAS, agendamos a primeira reunião geral com o objetivo de trazer para a comunidade mais informações e também apresentar

algumas datas já definidas. Essa primeira reunião foi um momento muito importante e marcante para o projeto, já que fomos oficialmente apresentados à comunidade e iniciamos a construção de um coletivo.

Assim, descreveremos e analisaremos como se desenvolveu o processo de formação de grupo aliado com a educação popular. Além disso, destacaremos os desafios e (des)caminhos percorridos no processo.

Processo formativo: (des)caminhos da constituição do grupo

A formação do grupo aconteceu a partir das oficinas realizadas no salão de festas da paróquia no mês de maio de 2018. Inicialmente, com cerca de cinquenta inscritos/as, as oficinas tinham uma boa quantidade de participantes. Porém, com o decorrer do tempo os números foram diminuindo, uma vez que fomos apresentando o contexto da economia solidária e formação de coletivos de trabalho, muito diferente de cursos profissionalizantes, os quais são muito oferecidos na comunidade por diversas entidades sociais. Em decorrência, por fim, chegamos a dez integrantes que se reconheceram como grupo em novembro de 2018.

Para o desenvolvimento do projeto, a metodologia pensada para as oficinas teve como pano de fundo a educação popular, num contexto de valorização dos saberes dos (as) participantes, bem como, da construção coletiva de saberes.

A formação desses trabalhadores é o ponto de partida para o processo de educação popular onde seus formadores apoiados nos princípios da economia solidária pressupõem ações formativas onde a cultura, as experiências, o modo de vida sejam pressupostos para a construção de conhecimentos sobre os aspectos do associativismo e os métodos que permeiam a produção associada [...]. (BARBOSA; CRUBELATI; MACEDO, 2016).

Nessa perspectiva, as primeiras oficinas realizadas com o grupo foram as de economia solidária (ECOSOL). Inicialmente, o objetivo era sensibilizar o grupo sobre a forma de organização do trabalho e geração de renda, tratando dos princípios da democracia, autogestão, cooperação, autonomia, participação, responsabilidade social e auto sustentação (VERONESE; GAIGER; FERRARINI, 2017). Já na segunda oficina “[...] percebemos que seria importante refletir um pouco mais sobre os princípios de economia solidária [...]” (DIÁRIO DE CAMPO; 13 de junho de 2018). Desse modo, trabalhamos as oficinas de grupos em torno dos princípios de forma lúdica e, concomitantemente, com o conceito de economia solidária. Na sequência, um dos momentos mais importantes na formação inicial do grupo foi quando, na segunda oficina sobre ECOSOL, uma das participantes, a partir de sua percepção, falou ao grupo o que era economia solidária, “Uma das participantes conseguiu compreender e falar para o grupo o que ela entendia sobre economia solidária, o que fez com o que os/as demais presentes compreendessem também” (DIÁRIO DE CAMPO; 13 de junho de 2018). Nesse momento, foi possível perceber que os/as demais participantes

também tinham compreendido e já não era mais um “conceito” acadêmico, mas sim, uma compreensão coletiva a partir da vivência de cada um e cada uma dentro daquele espaço. Sendo assim, “[...] tendo em vista a vida material desses sujeitos e suas experiências de vida, a construção do conhecimento mantém uma relação direta com a forma pela qual interpretam o mundo” (BARBOSA; CRUBELATI; MACEDO, 2016).

Além de dar início as oficinas com a temática da ECOSOL, começamos também a desenvolver o fortalecimento de vínculos e a cooperação do coletivo. Chamamos essas oficinas de “Processos Grupais”, considerando que o grupo está em constante movimento e transformação. Desde o planejamento, já nos preocupávamos com a questão de como os sujeitos viriam a se tornar um grupo unido para enfrentar as adversidades que poderiam surgir ao longo do tempo. Sendo assim, “Foi interessante observar os/as integrantes do grupo conversando entre si e apresentando-se, falando um pouco de sua vida. Podia se perceber, que já se conheciam de se ver na rua, mas pouco sabiam da vida do outro” (DIÁRIO DE CAMPO, 12 de junho de 2018). Além de trabalho e geração de renda aquele espaço, que estava sendo construído coletivamente na comunidade, também seria o lugar onde os (as) participantes poderiam construir vínculos com pessoas que conviviam no mesmo território. Considerando que, “[...] parte-se do pressuposto de que os papéis e/ou status ocupado pelas pessoas na sociedade estão relacionados aos vínculos que elas estabelecem em sua existência” (LIMA, 2013, p. 48), sempre que possível trazíamos para o grande grupo questões para discutir, refletir e fortalecer as relações entre os (as) integrantes do coletivo.

Utilizávamos em nossos encontros técnicas de integração de grupo, proporcionando um espaço acolhedor e confortável para os/as integrantes se manifestarem como quisessem. Recorremos também a recursos como músicas, cartazes, imagens, sempre com o cuidado de tornar acessível o assunto que iríamos abordar, considerando que algumas pessoas não eram alfabetizadas e, assim, tornava-se fundamental incluí-las neste processo, oportunizando que pudessem se expressar de outras maneiras, além da escrita e leitura. Acreditamos, desse modo, na importância da coerência de articular a formação de grupos em economia solidária, com a educação popular, pois,

[...] a educação - e, sobretudo, a popular - pode intervir como força ética e política para produzir saberes, assumindo um projeto com intencionalidade emancipadora, visando contribuir para a transformação das condições subjetivas (limites das pessoas) e condições objetivas (injustiças e desigualdades em nossa sociedade. (ADAMS, 2010, p. 17).

Nos inquietava, ainda, que este grupo não fosse somente um agrupamento de pessoas, para tornar-se um lugar onde é possível, através do contato com a multiplicidade, abrir-se para outros devires; deslocando, assim, de um lugar tomado pelo individual para o coletivo (BARROS, 1993). Foi possível perceber essa relação durante os processos de formação de grupo, como podemos observar no trecho a seguir:

[...] os demais participantes do grupo parecem estar bem apropriados sobre a importância do grupo para a formação do empreendimento. Foi bem proveitosa a oficina, porque dá pra perceber que as pessoas estão se sentindo cada vez mais “dentro” do projeto e responsáveis pela construção do empreendimento. (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de junho de 2018).

A partir disso, é possível compreender os estudos de Gayotto e Domingues (1995, p. 33), os quais orientam que “[...] o grupo se constrói em um caminho dialético de produção. Há um processo em permanente interdependência e mútua reciprocidade das pessoas na ação”, é através de um vínculo de qualidade entre os integrantes que se torna possível o grupo de pessoas realizar a tarefa grupal e atingir os seus objetivos.

Conseguimos observar o constante processo de ensino e aprendizagem que aconteceu em nossos encontros. Além disso, também percebemos a maior vinculação dos/as participantes com a equipe técnica do projeto, depositando a confiança na proposta que estávamos trazendo e compartilhando as suas experiências de vida. É possível dizer que, além de um coletivo que visa a constituição de um empreendimento, o Projeto UVAS possuía um espaço que permitia o empoderamento dos sujeitos que ali desejavam estar. Em decorrência, a perspectiva de estarem abertos (as) a aprender e a ensinar, ficou cada vez mais evidente no processo de formação: “*O que mais dá pra perceber, nas pessoas ali presentes, é a vontade de aprender e ensinar a partir de suas experiências*” (DIÁRIO DE CAMPO, 12 de junho de 2018). Desse modo, buscamos uma relação de ensino-aprendizagem em que não apenas nós, enquanto formadores (as), trazíamos reflexões e perspectivas de formação, relacionados aos temas estudados nas oficinas, mas também que o grupo envolvido participasse e contribuísse com o processo de formação a partir de suas vivências, da prática. Desse modo, a relação de saberes populares e acadêmicos também perpassa pela práxis, a qual segundo Romão, inspirado em Freire, afirma, a educação é “[...] uma profunda interação necessária entre prática e teoria, nesta ordem” (ROMÃO, 2010, p. 133).

Na continuidade do projeto, introduzimos as oficinas de gestão que iniciaram concomitantemente às oficinas de prática na cozinha, principalmente no momento em que o grupo sentiu necessidade de começar a pensar a comercialização dos produtos já elaborados. Uma das questões que mais ficou evidente, a partir desse momento, foi a diferença das oficinas práticas (realizadas na cozinha) e as demais. Um dos motivos, poderia ser o fato de que as oficinas da cozinha contemplavam muitas instruções técnicas e com receitas que vinham prontas a partir do saber acadêmico. É possível observar essa “estranheza” do grupo nas primeiras oficinas de gestão:

Primeiramente, foi questionado aos integrantes, como se poderia chegar no preço para comercializar e o grupo foi desafiado a elaborar o preço para o produto. Inicialmente o grupo ficou aparentemente surpreso em elaborar o preço sozinho, pois nitidamente esperavam que nós chegássemos com uma forma pronta de cálculo, mas ao mesmo tempo se sentiram desafiados. (DIÁRIO DE CAMPO, 28 de setembro de 2018).

Portanto, nas oficinas de gestão, a contribuição dos(as) participantes se tornou componente central na construção de novos saberes. A sensibilidade dos(as) educadores/as foi essencial para essa relação, em que todos os saberes contribuíram para se chegar ao preço dos produtos a fim de iniciar a comercialização. No entanto, não foi de imediato que se desenvolveu a iniciativa e a segurança, por parte do grupo, para desenvolver e pensar nos preços e cálculos necessários para chegar a um valor final dos produtos. Percebe-se que, a partir da posição de uma das pessoas do grupo, é possível observar o estranhamento sobre sua atuação, conforme se expressa neste trecho do diário de campo: *“O colega apresentou uma grande facilidade com cálculos matemáticos o que o deixou orgulhoso, mas o restante do grupo se apresentou com medo dos cálculos”* (DIÁRIO DE CAMPO, 18 de setembro de 2018). Essas relações estabelecidas, nos encontros de formação, propiciaram um olhar humano para a constituição dos sujeitos presentes, tanto participantes, quanto formadores (as). Sendo assim, em diálogo com a educação popular, *“A educação que não tente fazer esforço, e que, pelo contrário, insista na transmissão de comunicados, na extensão de conteúdo técnicos, não pode esconder sua face desumanista”*. (FREIRE, 1977, p. 91).

Cabe aqui destacar que há uma significativa distinção de mundos e tempos entre o coletivo em processo de aprendizagem e o projeto UVAS, uma vez que os processos da universidade exigem o cumprimento de etapas de autorizações, contratos, compras, etc. Já o coletivo em formação, quer desenvolver o projeto e os cursos de culinária para ontem, devido aos tempos disponíveis, a necessidade de geração de renda e um pouco pela falta de compreensão adequada sobre o que é o projeto em si. Alguns participantes tinham como objetivo aprender as técnicas de produção de alimentos, bem como as receitas trazidas pelo projeto para poderem fazer em casa e comercializar de forma individual. Entendemos que as pessoas tem autonomia de poder conduzir suas vidas, mas ao mesmo tempo, é importante destacar a relevância de se aplicar os processos grupais e os princípios da economia solidária, no sentido de se permitir experimentar um processo de produção diferenciado. Isso pode ser percebido no diário de campo, *“Ainda ligam muito o projeto a questão de produzir alimentos para vender de forma individual, como fazer salgadinhos e bolo decorado. Mas estavam bem dispostos e animados com o projeto”* (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de maio de 2018).

Os aprendizados vivenciados, até então, contribuíram para que o grupo desenvolvesse autonomia e realizasse sua primeira feira de forma autogestionária, já que toda a organização para a realização desta ficou a cargo dos e das integrantes.

Com a autogestão, todos participam das decisões independentemente da função que executam. Por isso, todos os membros de um empreendimento solidário precisam ser formados para a gestão coletiva do próprio empreendimento. Todos precisam de uma nova formação já que a forma como a sociedade capitalista se organiza não oportuniza uma cultura de decisão coletiva (GADOTTI, 2009, p. 33).

É sempre desafiador articular saberes populares com acadêmicos, visto que é um constante exercício, onde vamos ao território com a nossa “bagagem” de conhecimentos teóricos vindos da academia e nos colocamos não apenas a escutar os saberes populares, mas também a valorizá-los e integrá-los com o acadêmico. Dessa forma, não há diferenciação já que: “*Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender*” (FREIRE, 1996, p. 12). Todos nós aprendemos uns com os outros e assim (des)construímos juntos outros (des)caminhos a serem percorridos. Nós apostamos na potência dos encontros e que, assim, podemos trabalhar coletivamente para que uma outra economia seja possível.

Além disso, acreditamos importante frisar que, partindo da educação popular, como princípio educativo, buscamos a relação entre saberes populares e acadêmicos em uma perspectiva que, em algum momento, já não fosse necessário realizar essa distinção tão dicotômica, mas com o olhar de que estávamos construindo uma educação e um conhecimento de forma coletiva, sem separações, uma educação humanizadora. Como cita Romão (2010), para Freire existem duas formas de educação, no processo com o grupo Sabores da Vida, buscamos uma construção de educação, “[...] libertadora, que faz com que [...] [as pessoas] deixem de ser o que são, para serem mais conscientes, mais livres e mais humanas” (ROMÃO, 2010, p. 133). Portanto, a constituição do grupo e o processo de formação desse grupo proporcionaram um aprendizado mútuo, com seus desafios e potencialidades, o qual, acreditamos, contribuiu para que cada um(a), sejam educadores(as), ou membros do grupo, transformassem a si mesmos(as) nas relações entre si e também o mundo a sua volta.

Considerações finais

A partir das reflexões e descrições realizadas podemos observar que o grupo foi formado a partir das oficinas de Processos Grupais e de Economia Solidária. No decorrer desse processo, as formações tiveram diferentes propostas, tanto por parte das diversas temáticas, quanto por parte dos(as) educadores, já que cada oficina era composta por diferentes profissionais de áreas de atuação diferentes.

Interessante destacar os aprendizados gerados neste processo de desenvolvimento do projeto e das oficinas, pois a dinâmica da universidade é muito distinta da realidade do grupo em formação, o que permitiu um maior diálogo para a adaptação das ações, as melhorias nos processos formativos, bem como a reflexão sobre a forma de planejamento das atividades do projeto. Outro ponto importante a destacar aqui é a forma como as relações sociais foram desenvolvidas com o grupo ao longo dos encontros. Foi possível acompanhar o fortalecimento do vínculo entre aqueles sujeitos que iniciaram o projeto, conhecendo muito pouco um ao outro e que, ao passar dos meses, demonstraram cuidado e solidariedade dentro coletivo. Podemos perceber isso como um resultado de constante

reflexão e diálogo que existia dentro do projeto, pois quando acontecia algum conflito no grupo nós prezamos por pausar as atividades e dar espaço para a fala, o diálogo. Houve também uma boa vinculação entre o grupo “Sabores da Vida” e equipe técnica do projeto, algo que foi construído em cada encontro. A comunidade nos acolheu e nos aproximou da realidade vivida na Vila Brás, e nós, enquanto equipe, procurávamos diminuir a distância entre os saberes acadêmicos e os saberes populares, valorizando o discurso daqueles sujeitos que confiaram e apostaram no projeto UVAS.

Uma das principais questões a se destacar foi como o grupo se constituiu em um coletivo de pessoas que trabalham de forma cooperada, o que caracteriza uma diferença muito grande do início do projeto, pois todos (as) os(as) envolvidos(as) não estavam acostumados(as) e não tinham experiência com o trabalho coletivo. Destacamos o que Adams (2014, p. 584) reforça: “[...] o trabalho associado pode constituir-se um ambiente adequado para resistir à cultura de competição e individualismo [...]”, ou seja, a partir do momento em que as pessoas do grupo não se veem mais como “concorrentes” elas passam a perceber o quanto é importante, principalmente, para o empreendimento, que as decisões sejam tomadas de forma coletiva e autogestionária, muito diferente da experiência que vivenciaram até então, no mercado hegemônico capitalista.

Contudo, sabemos que os projetos possuem um tempo de existência, com início meio e fim e nós, que participamos do Projeto UVAS, vivenciamos esse processo conjuntamente com o grupo. Tivemos a fase inicial de constituição do coletivo, a fase de oficinas técnicas e formação do coletivo e a fase final, de encerramento do projeto. O grupo “Sabores da Vida” recebeu a capacitação para a produção de alimentos, valorizando as boas práticas na produção de produtos saudáveis aos seus clientes. A cozinha foi estruturada com os recursos financeiros do projeto, bem como a aquisição de matéria prima para as oficinas e para as primeiras produções coletivas e sua comercialização. Pensar toda a logística da gestão, produção, comercialização e avaliação foi um movimento de aprendizado muito rico aos participantes do projeto, bem como para a equipe técnica. Um ponto negativo foi a dificuldade de organização e participação da comunidade na horta comunitária, por diversos fatores exógenos ao projeto e que dificultaram a alavancagem do grupo da horta. Como destaque a ser feito sob esse ponto, percebemos que o engajamento da comunidade para a efetiva organização da horta, bem como os interesses políticos da paróquia parceira (que cedeu o terreno) dificultaram as negociações para a construção do cercamento do terreno, sendo este um dos principais obstáculos para organização dos canteiros e plantio.

Infelizmente, os editais do CNPq possuem um período curto de aplicação dos recursos e desenvolvimento do plano de ação do projeto, o que inviabiliza um maior acompanhamento de formação e assessoria técnica grupo Sabores da Vida. Neste sentido, reforçamos a importância de editais de fomento com maior tempo de execução dos projetos, no sentido de potencializar a constituição dos empreendimentos econômicos solidários, seus primeiros passos de formalização e

relacionamento com o mercado, pois fortalecer vínculos de solidariedade, reciprocidade, autogestão e democracia requer tempo aos sujeitos que se mobilizam na busca por melhores condições de trabalho e geração de renda.

Por fim, a partir do desenvolvimento do projeto UVAS, acreditamos que os participantes que vivenciaram cada uma das ações do projeto, tanto a equipe técnica como os(as) beneficiários(as) da comunidade Vila Brás se constituíram como pessoas mais capacitadas e preparadas ao trabalho coletivo, o que pode possibilitar a elas lançarem novos voos na busca pela valorização da vida, de forma integral e libertadora.

Referências

- ADAMS, Telmo. **Educação e economia popular solidária**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.
- ADAMS, Telmo. Educação na Economia solidária: desafios e perspectivas. **Educação, Santa Maria**, v. 39, n. 3, p. 577-588, set/dez 2014.
- BARBOSA, Ana Paula; CRUBELATI, Ariele Mazoti; MACEDO, Claudemir de. A importância do cooperativismo no fomento à economia solidária na ótica da educação popular. **Revista de Educação do Vale do Arinos**, Mato Grosso, v. 3, n.1, p. 71-83, jan./jul. 2016.
- BARROS, Regina Benevides de. **Grupo e produção**. In: Lancetti, Antonio (Dir.). SaúdeLoucura: grupos e coletivos. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BORGES, Maria de Lourdes; SCHOLZ, Robinson Henrique; CARGNIN, Tiago Daniel de Mello. Estratégia-como-prática na economia solidária: resultados e ações de catadores de uma cooperativa. **Desenvolvimento em Questão**. v. 13, n. 31, p. 108-142, jul/set. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/2922>. Acesso em: 18 ago. 2020.
- CRUZ, Antônio. Políticas Públicas para a Economia Solidária: fronteira entre política social e política para o desenvolvimento local. **Sociedade em Debate**, v. 12, n. 1, p. 117-138, 2012.
- FRANTZ; Walter; SCHÖNARDIE Paolo Alfredo; SCHNEIDER, José Odelso. As práticas do movimento cooperativo como lugares de educação. **Revista de Didáticas Específicas**, n. 16, p. 14-26, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009 (Série Educação Popular, 1).
- GAYOTTO, Maria Leonor Cunha; DOMINGUES, Ideli. Técnica de grupo operativo - instrumento de intervenção grupal. In: GAYOTTO, Maria Leonor Cunha; DOMINGUES, Ideli. **Liderança: aprenda a mudar em grupo**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LIMA, Maria Isabel Rodrigues. **Economia solidária e vínculos**. São Paulo: Ideias e Letras, 2013.
- ROMÃO, José Eustáquio. Educação. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VERONESE, Marília; GAIGER, Luiz Inácio; FERRARINI, Adriana. Sobre a diversidade de formatos e atores sociais no campo da economia solidária. **Cad. CRH**, Salvador, v. 30, n. 79, p. 89-104, abr. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792017000100089&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2020.